

fim de tarde, no jardim de um poeta bárbaro

1.

na nossa loucura, acariciávamos as árvores
como se fossem jovens deusas,
bebíamos vinho barato
e líamos Whitman, sobre a relva.

maior esplendor não conheço eu:
desabrochar, assim, com a terra,
e o cheiro exausto do fim da tarde,
enxotando a melancolia de saber:

o que possuímos já se perdeu
na fissura escura do tempo
ou entre dois versos, sem destino.

por isso, não nos fales de eternidade:
a morte é todo o amor
que o mundo nos pode desejar.

2.

quantas vezes trocámos a chuva morna
por lugares de desespero,
e a porcelana mais pura do silêncio
pelo ruído.

tantas vezes escurecemos as memórias
em murmúrios de melancolia,
e receámos o ácido amanhã,
sem nenhuma razão.

por isso, esquece o dia do porvir:
abre a janela mais ampla da alma
e deixa entrar o pólen, o fogo, o eco.

como se o amanhã tivesse um rosto para ti,
e o amor não fosse um pássaro
assombrado pelo vento.

NOTA BIOGRÁFICA

João de Mancelos, nome profissional de Joaquim João Cunha Braamcamp de Mancelos, nasceu em Coimbra, em 1968. É doutorado em Literatura Norte-Americana, pós-doutorado em Literaturas Comparadas, e possui uma agregação em Estudos Culturais. Lecionou na Universidade Católica Portuguesa, em Viseu, e na Universidade de Aveiro. Atualmente, é professor de Guionismo e de Teoria da Narrativa Cinematográfica na Universidade da Beira Interior. É autor de vários livros de poesia, conto e ensaio, entre os quais *Línguas de fogo* (2001), *Introdução à Escrita Criativa* (4.^a ed., 2013) e *O pó da sombra* (2014).